

PER UNA ONTOLOGIA DELL' ESSERE SOCIALE: UM RETORNO À ONTOLOGIA MEDIEVAL?¹

Sergio Lessa - Prof. Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e doutorando no Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP.

O título da nossa comunicação poderá parecer, à primeira vista, despropositado. Desde o seu aparecimento na Itália a partir de meados da década de 1970, a ontologia de Lukács tem despertado as mais diferentes interpretações, todavia, nenhuma delas teria questionado o fato de a ontologia lukácsiana representar uma ruptura com a ontologia tradicional. Independente da avaliação que se tenha do esforço teórico do último Lukács -- e estas avaliações variam substancialmente -- não se havia colocado em causa, ainda, o fato de, entre Lukács e a metafísica medieval se interpor uma ruptura a mais radical.

Todavia, aos poucos, ao longo dos anos 80-90, vai se construindo, principalmente nos países de língua inglesa (Austrália inclusive) os elementos de uma tal «demonstração» Como não poderemos, neste espaço, realizar uma exposição exaustiva dos artigos e ensaios que, a nosso ver, vêm contribuindo para conceber a ontologia de Lukács como um retorno ao pensamento medieval, nos restringiremos a três artigos.

O primeiro deles, é o artigo de Marshall Berman, «Georg Lukács's Cosmic Chutzpah», publicado em *Georg Lukács, Theory, Culture and*

¹ Com pequenas modificações, esta comunicação feita no Simpósio "Lukács: a propósito de 70 anos de História e Consciência de Classe" foi publicada no livro Antunes, R., Leão Rego, W. *Lukács, um Galileu no século XX*, 2ª. Edição, Ed. Boitempo, São Paulo, 1996, pp. 62-73.

Politics, coletânea organizada por Judith Marcus e Zoltán Tarr e publicado pela Transaction Publishers, Estados Unidos.

O artigo começa com a recordação de Berman do seu primeiro encontro com um texto de Lukács. Conta que, dias após a invasão da Hungria em 1956, passeando pelo Central Park, encontra um velho conhecido que continuava pregando a sua fé no comunismo. Quando ele perguntou a este antigo conhecido como seria possível continuar acreditando no comunismo após os acontecimentos da Hungria, teria respondido o amigo com o texto de Lukács «O que é o marxismo ortodoxo?». O argumento de Lukács, segundo o qual, mesmo se o marxismo estivesse completamente enganado acerca da história e do mundo dos homens, ainda assim o método de Marx permaneceria intacto e verdadeiro, levou Berman a um curioso raciocínio:

«Quando, após, eu pensei sobre ele [o argumento de Lukács] percebi que o marxismo de «O que é o marxismo ortodoxo?» tinha mais em comum com os vãos existenciais de escritores religiosos cujos livros eu carregava em baixo do braço naquele dia -- Kierkegaard, Dostoevsky, Buber -- que com os dogmas stalinistas nos quais meu amigo tinha sido criado. Quando eu pensei em Lukács na companhia destes dogmas, fui atingido pela idéia de que o que eu havia há pouco lido era um *credo qui a absurdum* marxista. Poderia ser que o comunismo houvesse encontrado, finalmente, seu Santo Agostinho?»(pg.138-9)

Argumenta Berman que

«Recentes pesquisas acadêmicas têm revelado o modo pelo qual Lukács se tornou um comunista. De fato, foi uma conversão religiosa /.../ um segundo nascimento. Parece que ocorreu de modo abrupto, nos últimos dias de 1918. De acordo com um dos seus amigos íntimos, aconteceu entre um domingo e o próximo, como Saul se tornando Paulo.»

Este caráter «religioso» da «conversão» de Lukács ao marxismo, segundo Berman, se manifestaria na forma de mortificação religiosa das suas autocríticas, das suas sucessivas «quedas em heresias», semelhantes às dos heréticos arrependidos da Idade Média. Como resultado, «Aos

setenta anos, este perseguidor por toda a vida da ortodoxia, terminou como um autêntico herói herético.»(pg. 140)

O primeiro elemento da vertente de interpretação da ontologia lukácsiana como um retorno à ontologia medieval vai se assim se delineando: o idealismo e a religiosidade seriam elementos fundamentais do marxismo de Lukács desde o seu início. Esta visão é reforçada pelos inúmeros estudos acerca do jovem Lukács que salientam o messianismo e sua visão teleológica da história, principalmente em *História e Consciência de Classe*. Não apenas os escritos de Michel Löwy, mais conhecidos entre nós, mas também os de Lee Congdon (*The Young Lukács - 1983*), ou os de Mary Gluk (*Georg Lukács and his generation - 1985*), ou, ainda, dos membros da antiga Escola de Budapeste, são freqüentemente citados neste contexto.

Há que se recordar, todavia, que o fato de *História e Consciência de Classe* ser portadora de elementos idealistas, teleológicos e messiânicos é reconhecido como verdadeiro pelo próprio Lukács. Contudo, selecionar estes elementos tipicamente hegelianos e transformá-los em uma visão de mundo religiosa, é uma outra questão. E o campo resolutivo desta nova questão será a avaliação que se faça da obra posterior de Lukács, desde os anos 20 até *Para uma Ontologia do Ser Social*. O debate, então, passa a uma outra esfera: da discussão do caráter idealista-teleológico de HCC, se transfere para a discussão da existência ou não uma ruptura de Lukács com esta concepção teleológica da história.

É para intervir exatamente neste aspecto do debate que Agnes Heller publicou, numa coletânea por ela organizada intitulada *Lukács Reappraised* (Columbia University Press, New York, 1983), o artigo intitulado «Lukács' later philosophy».

Segundo Heller, a continuidade de Lukács após HCC se expressa por um «paradoxo»: ele teria feito a opção «absoluta», «existencial», pelos PCs, pela URSS e pela III Internacional; e essa mesma opção era

causa de ansiedades e frustrações, que aumentaram com a leitura dos *Manuscri tos de 1844*.

Este paradoxo, segundo Heller, seria o fio condutor da evolução de Lukács desde os anos 20 até seus últimos escritos.

«Lukács acreditava em seu Deus, e ao mesmo tempo reconhecia todo horror do 'mundo criado por Deus' e confrontava esse mundo existente com um ideal que seria mensurável com seu Deus. Esta é a razão, continua Heller, de que todos aqueles que o vêem como representante do stalinismo (tal como Issac Deutscher, entre tantos outros) estão corretos, enquanto aqueles que vêem nele o maior adversário filosófico de Stálin, também estão certos. Pois, até seus últimos anos, quando sua crença no absoluto tornou-se insegura, ele foi ambos.»(pg.178)

A religiosidade presente em HCC, tal como posta por Berman, a crença no absoluto, tal como delineada por Heller, terminaria por conduzir Lukács à sua ontologia. Para Heller, a única mudança nesta evolução é que o absoluto representado pela URSS é substituído pelo absoluto representado por Karl Marx. Nas palavras de Heller:

«O absoluto é simplesmente a proclamação de K. Marx -- a partir desta proclamação o reino da liberdade está aberto a nós»(pg. 188)

Desta perspectiva, Heller toma como auto-evidente o fato de Per una Ontologia... realizar por completo esta substituição de absolutos. Não mais a velha e arcaica ordem soviética, mas Karl Marx! E esta evidência é de tal ordem, aos olhos de Heller, que ela sequer se dá ao trabalho de buscar evidências no texto da Ontologia. Num único e pobre parágrafo, ela enterra a ontologia lukácsiana como o último e fútil esforço de Lukács para se agarrar ao absoluto que, desde a sua juventude, fez parte de sua opção existencial!

Estabelecido o caráter religioso de HCC, o ponto de partida da evolução do marxismo de Lukács, bem como o apego ao absoluto que forneceria lógica se seu percurso teórico posterior, apenas falta comprovar este pretenso caráter religioso no coração da própria ontologia de Lukács, na sua categoria da substância. É a isto que se propõe a carta de Gaspar Tamás, «Lukács' Ontology: a metacritical letter», publicada na coletânea *Lukács Reappraised*, acima referida.

O equívoco de Lukács, segundo Tamás, está em desconhecer que, «neste lado do Reno, todas as filosofias modernas são filosofias da prática, cujo princípio formativo é o imperativo categórico». Da perspectiva de Tamás, a tarefa fundamental da filosofia é buscar uma «legislação genérica» e não, como faz Lukács «descreve[r]» a generalização enquanto uma objetividade e, a partir de então, «infer[ir desta objetividade] regras de 'escolha' justa»(pg. 155). Segundo Tamás,

«Para resgatar a possibilidade da descrição da objetividade, Lukács transforma sua escolha em lei (esquema prático) pelo *reconhecimento* do último enquanto lei (esquema ontológico). O *substratum* deste reconhecimento, desta transformação de prática em teoria, escolha em conhecimento, é o Ser.»(pg. 155)

Com esta passagem, Tamás delimita o terreno em que pretende demonstrar o fracasso de Lukács: a discussão da categoria do ser não enquanto uma objetividade (como é em Lukács), mas enquanto uma categoria fundada pela «escolha», pelo «reconhecimento», de um sujeito. A investigação se desloca, assim, para os critérios e mecanismos desta «escolha». Deixa o terreno ontológico e passa para o campo da epistemologia:

«Para Lukács, continua Tamás, Ser é meramente uma metáfora de tudo em que sua escolha pode ser reconhecida como lei, como real, como realizado. /.../ Ser propriamente é aquilo que suporta as conclusões que podem ser delineadas do âmbito dos 'valores genéricos'»

(*gattungsmässige Werte*)² -- em outras palavras, delineadas a partir da própria escolha de Lukács, da sua opção voluntária.»(pg. 155)

Primeiro movimento de Tamás: conceber a ontologia de Lukács enquanto mera «escolha» de uma perspectiva que, uma vez aceita, se auto confirma. O Ser (com letra maiúscula) passa a ser o seletivo conjunto de tudo aquilo que confirma a perspectiva escolhida por Lukács, o restante é tratado como um Ser de segunda classe(pg. 155). Lukács teria pressuposto uma categoria do Ser e, com base nela, teria desenvolvido uma ontologia que nada mais faz senão comprovar a veracidade de sua pré-suposição acerca do Ser. O pressuposto legitima a demonstração que prova a veracidade do pressuposto enquanto tal: a ontologia lukácsiana não passaria de uma prova circular de um pressuposto arbitrário e livremente escolhido por Lukács.

A «escolha» lukácsiana se caracterizaria pela perspectiva segundo a qual o

« único tópico-matéria é a objetividade no nível progressivo do 'Ser-genérico' (*Gattungsmässigkeit*). É fácil descobrir o que o último significa: a instituição ou organização revolucionária resultante da objetivação da fé revolucionária.»(pg. 155)

Já que, para Lukács, após Marx, um ente não objetivo é um não-ente, a «ordem soviética» é concebida como o Ser em sua máxima expressão. Para Tamás, Lukács reproduziria a circularidade do argumento ontológico escolástico, pelo qual a objetividade, com sua ordem e hierarquia, é a prova da existência de Deus; e, a perfeição deste, é o fundamento da ordem objetiva. Só que, com Lukács, esta circularidade busca

² - Ferenc Feher, que verteu para o inglês a carta de Tamás, tratou *gattungsmässige Werte* por «species values». Seguindo a tradução por nós adotada neste escrito, ao invés de «valores da espécie» preferimos valores genéricos, ou seja, valores que se articulam com a explicitação ontológica da generalidade humana.

«deduzir o credo comunista»(pg. 157)

de tal modo que

«o que foi projetado pela filosofia medieval em Deus como objetividade e como verdade eterna é reincorporado em Lukács por um ídolo, como uma imanência não-transcendental em uma 'esta-mundanidade' /.../»(pg. 158)

Com a incorporação da objetividade divina ao novo ídolo, sem a crítica sistemático-kantiana(pg. 162), Lukács não teria como evitar, segundo Tamás, a concepção teleológica da existência. Por isso, segundo ele, a história exibiria, em Lukács, uma absoluta necessidade na processualidade que articularia, o primeiro momento, ainda mudo do gênero,

«ao ser-genérico-para-si (*für-si ch-sei ende Gattungsmässigkeit*), para a terra prometida /.../ » (pg. 156)

Segundo Tamás, o ser teria, em Lukács, na universalidade sua única esfera objetiva, real, com o que teríamos

«o mais extremado tipo de realismo conceitual, que é ainda agravado pela negação de toda transcendência: isto elimina todo critério sistemático.»(pg. 158-9)

Se o verdadeiro Ser é o ser-genérico, e a singularidade é uma objetividade de segunda classe, deduz Tamás que, para Lukács, o indivíduo necessariamente é um Ser de «segunda qualidade», uma esfera portadora de menos ser que a generalidade.

«uma vez mais, afirma Tamás, [tal como no stalinismo] a objetivação devorou o indivíduo, esta vez sob a aegis da filosofia da história. Nada senão instituição hipostasiada adquire uma existência específica».(pg. 158)

Ora, transformado o Lukács de Per una Ontologia dell' Essere Sociale na forma mais moderna da concepção teleológica da história, com a descoberta do seu caráter pré-crítico, da laicizada religiosidade da sua categoria da substância, Tamás construiu as bases que precisava para expor o argumento mais ousado do seu texto: haveria em Lukács uma proximidade de fundo entre sua ontologia e aquela de Santo Anselmo! Em ambos os pensadores, se manifestaria uma insuperável «circularidade»: o «Ser» é, ao mesmo tempo, fundante do existente e uma decorrência teórica necessária da objetividade. Ou seja, a justificativa ontológica do existente seria o «Ser», e a consciência humana reconheceria a inevitabilidade da existência do «Ser» a partir do existente. Em Lukács, tal como em Santo Anselmo,

«A Fé em si-mesma é parte do pensamento recursivo (recursive); o credo não é um fato original mas uma proposição inferida. O caráter circular desta idéia se intensificou na moderna (lukácsiana) ontologia, que busca deduzir o credo comunista.»(pg. 157)

Com isto, Tamás procura imputar a Lukács a concepção da universalidade característica dos realistas medievais. Haveria a hipostasia da universalidade em Lukács, com o que ele se converteria num ideólogo do stalinismo. Este é, no fundo, o principal argumento de Tamás contra Lukács. E, ao expô-lo, Tamás contribui com o último elemento necessário para dar corpo à interpretação de que a Ontologia de Lukács não possuiria maior interesse para o debate contemporâneo, já que ela não passaria de um mal sucedido retorno à ontologia tradicional, em especial, ao realismo medieval. A religiosidade do jovem marxista Lukács teria perpassado, pela mediação de seu apego ao absoluto, por toda a sua obra. Per una Ontologia dell'Essere Sociale seria o coroamento desta trajetória, a sua forma mais acabada: Lukács seria o Santo Anselmo do século XX!

A contraposição a esta tentativa de reduzir a ontologia de Lukács ao pensamento medieval poderia se dar por vários ângulos. Todavia, dado o limitado espaço de uma comunicação, iremos diretamente

ao aspecto central desse debate: a categoria da substância. Como sabemos, a radicalidade da compreensão do real aberta por toda ontologia tem na categoria da substância seu problema decisivo. Por isso, se houver uma ruptura radical de Lukács com a ontologia tradicional, não há como esta ruptura não se manifestar por inteiro na sua concepção acerca da categoria da substância.

Na ontologia de Lukács, o traço decisivo da substancialidade é sua historicidade.

«/.../todo o ser, a natureza assim como a sociedade, é entendido como um processo histórico, /.../ a historicidade assim instituída representa a essência de todo o ser.»³

Por *substância histórica* Lukács designa uma substância cuja essência nem é dada *a priori*, nem se dilui na esfera fenomênica. Entre uma concepção ontológica que distingue essência e fenômeno enquanto graus distintos do ser, e uma outra concepção que dilui a essência no fenômeno, Lukács contrapõe seu *tertium datur*: pelo fato de o ser ser histórico, sua essência, não apenas não é dada *a priori*, como ainda se consubstancia ao longo do processo de desenvolvimento ontológico. Se não há qualquer anterioridade da essência em relação ao ser e -- frisemos, nem da essência em relação ao ente --, do mesmo modo,

«o fenômeno é sempre algo que é e não algo contraposto ao ser»⁴, é «parte existente da realidade social»⁵.

³ - Lukács, G. Prolegomini all' Ontologia dell' Essere Sociale. Ed. Guerini e Associati, Milão, 1990, pg. 226. « /.../ para compreender de maneira justa o marxismo, a historicidade do ser, enquanto sua característica fundamental, representa o ponto de partida ontológico que leva à correta compreensão de todos os problemas.» Idem ,ibidem, pg.90. Cf. tb. pg. 99.

⁴- Lukács, G.. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx, Ed. Ciências Humanas, S. Paulo, 1979, pg. 84.

⁵ - Lukács, G. vol II(, pg. 92.

Ora, se Lukács rejeita a concepção da essência enquanto expressão condensada em momento ontológico da esfera da necessidade, como distinguir fenômeno e essência? Para Lukács, a essência se consubstancia, ao longo do processo histórico, no complexo de determinações que permanece ao longo do desdobramento categorial do ser. Os traços que articulam, em unidade, os heterogêneos momentos, que se sucedem ao longo do tempo, compõem a essência desse processo.

« /.../ a substancialidade /.../ não é uma relação estático-estacionária de autoconservação que se contraponha em termos rígidos e excludentes ao processo do devir; ela, ao invés, *se conserva na sua essência*, mas processualmente, se transformando no processo, se renovando, participando do processo.»⁶(grifo nosso)

Não há, nas colocações de Lukács acerca da relação essência/fenômeno, qualquer tendência no sentido de identificar essência e necessidade, conferindo às determinações essenciais um caráter de rígida e absoluta necessidade.

No capítulo dedicado à ideologia, Lukács afirma explicitamente que

«/.../ o mundo dos fenômenos não pode em momento algum vir considerado um simples produto passivo do desenvolvimento da essência, mas /.../, pelo contrário, precisamente a interrelação entre essência e fenômeno constitui um dos mais importantes fundamentos reais da desigualdade e da contraditoriedade no desenvolvimento social.»⁷

Se, por um lado, a essência não é, para Lukács, a necessidade hipostasiada, a relação entre essência e fenômeno, por outro lado, é de tal ordem que, a esfera fenomênica não é um resultado passivo do desdobramento da essência. Isto significa que a entre estes dois níveis

⁶- Lukács, G., vol I, pg. 394.

⁷ - Lukács, G. Per una Ontologia dell' Essere Sociale, vol II*, pg. 472.

do ser se desdobra uma determinação reflexiva, na qual o fenômeno joga um papel ativo na determinação da essência. Como isto se dá deve ser desvendado caso a caso, momento a momento.

Para a contraposição à Berman/Heller/Tamás, nos é fundamental uma das inúmeras consequências destes traços mais gerais da ontologia lukácsiana. Através de várias mediações que não podemos explorar aqui, esta concepção lukácsiana acerca da relação entre essência e fenômeno se articula, na análise da reprodução social, com a concepção de fundo pela qual os homens fazem a história, todavia em circunstâncias que não escolheram. Sinteticamente, o desenvolvimento da essência sócio-genérica do ser social é uma consequência da objetivação de atos teleologicamente postos pelos indivíduos, objetivação esta que funda o mundo dos homens, o qual não exhibe, no seu desenvolvimento global, qualquer traço de teleologia. Sem explorarmos as articulações que convertem o elemento teleológico da prévia-ideação, em um ser-precisamente-assim existente que desconhece qualquer teleologia no seu desenvolvimento global -- apenas queremos assinalar que, para Lukács, a gênese e o desenvolvimento da essência humana é um processo histórico mediado pela objetivação de infinitos atos individuais. Estes atos, ao contribuírem à construção da essência genérico-social, fundam também a esfera fenomênica.

No estudo da individuação, no capítulo de Per una Ontologia ... dedicado à categoria da reprodução, por exemplo, Lukács discute exaustivamente como as formas singulares, fenomênicas, de cada uma das individualidades são *também* (por tanto, não são apenas) portadoras das determinações mais genérico-essenciais do ser social a cada momento histórico. E, por outro lado, como, justamente pelo fato de serem portadoras de determinações essências do mundo dos homens a cada momento histórico, não é indiferente ao desenvolvimento da essência humana a maneira pela qual as individualidades conduzem, através de escolhas entre alternativas postas pelo desenvolvimento social concreto, o desenvolvimento da humanidade para uma direção ou para outra.

Isto nos permite perceber o quanto são equivocadas as afirmações de Tamás acerca de uma possível hipostasia do universal em Lukács. Não há nada de semelhante na ontologia lukácsiana. Na ontologia de Lukács, a essência genérico-social tem por suporte tanto a totalidade das formações sociais como cada uma das individualidades. Entre gênero humano e indivíduo não há qualquer distinção que passe por uma diferenciação quanto ao estatuto ontológico de cada um. Nenhum dos pólos da reprodução social é mais «ser» que outro, não há um «ser» de segunda categoria nesta esfera. Do mesmo modo, nem o gênero é portador exclusivo da essencialidade, nem a individualidade é portadora exclusiva da esfera fenomênica. Tanto a essência como os fenômenos estão presentes no processo de individuação e de sociabilização, e as diferenças que aqui se fazem presentes em nada se aproximam, para Lukács, da constituição de um primado ontológico de um sobre o outro.

A consequência desta radical historicidade da essência e do fenômeno, do universal e do singular, para a ontologia de Lukács é que, nos atos cotidianos, a realidade se apresenta como uma indissolúvel unidade entre essência e fenômeno. Ou seja, não apenas a essência não é portadora de nenhuma determinação implacável para o desenvolvimento ontológico; como também, no ser-precisamente-assim, a essência se particulariza, a cada instante, em uma complexa totalidade que articula essência e fenômeno. Não há, portanto, nenhum elemento teleológico no processo ontológico global, não há nenhuma *necessidade essencial* que possa *a priori* determinar o desenvolvimento global de um processo.

«Quando consideramos o processo global na sua totalidade, aparece claro como o movimento da essência /.../ não é uma necessidade fatal, que tudo determina antecipadamente /.../ (mas, ao invés) faz continuamente surgir novas constelações reais as quais a praxis extrai o único campo de manobra real a cada vez existente. A esfera de conteúdos que os homens podem por a si mesmos como finalidade desta praxis é determinada -- enquanto horizonte -- por esta necessidade do desenvolvimento da essência, mas exatamente enquanto horizonte, enquanto campo de manobra para as posições teleológicas reais nele [no horizonte] possíveis, não como determinismo geral, inevitável, de todo conteúdo prático. No interior deste

campo, toda posição teleológica se apresenta como forma de alternativa /.../ com o que termina excluída toda pré-determinação. A necessidade da essência assume obrigatoriamente para a praxis dos homens singulares a forma da possibilidade.»⁸

A essência, neste sentido, ao invés de uma «necessidade fatal, que tudo determina antecipadamente», desenha o horizonte de possibilidades dentro do qual pode se desenvolver o ineliminável caráter de alternativa de todos os atos humanos.

Encerraremos nossa comunicação com quatro observações:

1º) Os problemas gnosiológicos decorrentes desta concepção ontológica de Lukács, acima de tudo o fato de apenas *post festum* podermos teoricamente distinguir com clareza o fenômeno da essência, aliado ao fato de o conhecimento das tendências essenciais permitir, com enorme variação caso a caso, algum grau de previsibilidade acerca dos desdobramentos futuros, é um aspecto que não podemos, sequer minimamente, tratar nesta comunicação. Por isso, nos limitaremos a chamar a atenção para ele.

2º) Tamás acusa Lukács de hipostasiar o universal e assumir a essência universal como necessidade absoluta -- tal como teria feito Santo Anselmo. Não se trata, obviamente, de negar que, para o filósofo húngaro, se desdobre uma efetiva relação entre essência e necessidade. Que essência e necessidade, para Lukács, apenas possam vir a ser em determinação reflexiva é uma obviedade para quem minimamente se debruçou sobre sua *Ontologia*. Todavia, como já argumentamos, esta relação não é dada *a priori*, nem pode se desdobrar, a cada instante, sem ser continuamente permeada por um quantum de acaso. Argumenta à saciedade, Lukács, que toda necessidade tem um caráter de se...então, ou seja, está sempre reflexivamente articulada a caSualidade(o se). A necessidade

⁸ - Lukács, G. Per una Ontologia dell' Essere Sociale, vol II*, pg. 475.

nunca é absoluta e, se na relação entre essência e necessidade, divisamos uma determinação de algum modo implacável, intocável pelas «perturbações» fenomênicas ou pelos atos individuais, conferimos à essência uma rigidez que não pode ser imputada a Lukács.

Tamás desconhece por completo que, na ontologia de Lukács, se há a afirmação de uma necessária articulação ontológica entre essência e necessidade, não menos verdadeiro é que uma relação análoga podemos encontrar entre fenômeno e necessidade. De fato, nenhum fenômeno, por mais casual, deixa de ser portador de alguma necessidade. Todo fenômeno, por mais casual, exibe alguma dimensão se...então.

«o fenômeno, diz Lukács, é uma entidade social tal como a essência, /.../ uma e outra são apoiadas pelas mesmas necessidades sociais, e uma e outra são elementos reciprocamente indissociáveis desse complexo histórico-social»⁹.

Portanto, é impossível, em Lukács, a distinção entre essência e fenômeno tendo por referência apenas a esfera da necessidade, como faz a ontologia tradicional. Tanto o mundo fenomênico quanto as determinações essenciais apenas podem vir a ser e se desenvolver em íntima conexão com as determinações necessárias de cada processualidade. Pelo contrário, fundamental para a distinção entre essência e fenômeno é, para Lukács, a categoria da continuidade. Repetimos: no filósofo húngaro, a relação entre a necessidade e o complexo fenômeno-essência em nada se aproxima das concepções tradicionais. Não é na relação com a necessidade que encontraremos, os elementos decisivos para a distinção entre os fenômenos e a essência, mas, sim, na relação entre o complexo essência-fenômeno com a categoria da continuidade.

Novamente deixando de lado mediações fundamentais, é isto que permite, em última análise, no plano teórico o mais geral, Lukács

⁹- Lukács, G.. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx, Ed. Ciências Humanas, S. Paulo, 1979, pg. 88.

escapar de toda concepção teleológica acerca do devir e da história. Pois, nunca é demais lembrar, toda concepção ontológica de caráter teleológico exhibe, necessariamente, uma excessiva aproximação (senão uma identificação) entre essência e necessidade. Apenas deste modo é possível a concepção do devir pela qual, no início, já estaria contido, ainda que *in nuce*, o desenvolvimento posterior. Sem pretender resolver a questão nesta comunicação, pensamos ser imprescindível assinalar que, a nosso ver, não há na ontologia de Lukács qualquer indício de uma tal aproximação entre essência e necessidade. Pelo contrário, não apenas esta aproximação é rechaçada todas as vezes que o filósofo húngaro critica as mais diversas formas que assumiu a concepção teleológica do devir; como, ainda, Lukács indica a relação entre essência e continuidade como o *LOCUS* em que se substancia a distinção entre fenômeno e essência.

Em suma, para o autor de Per una Ontologia dell' Essere Sociale, não apenas a conexão com a necessidade não é peculiar à essência -- há uma conexão equivalente nos fenômenos -- como também a essência tem no fenômeno o seu modo concreto de particularização em cada momento histórico. E, justamente por isso, o desdobramento da essência é também determinado pelo desdobramento das formas fenomênico-particulares. Ao contrário de um *deus absconditus*, a essência em Lukács é o que, no devir ontológico, permanece como fundamento da unitariedade última do processo, como fundamento da unitariedade última do ser. Se estivermos corretos, a essência se distinguiria dos fenômenos, em Lukács, por esta peculiar conexão com a categoria da continuidade, antes do que com uma rígida associação aos momentos de necessidade. E, sendo assim, a ontologia lukácsiana não exibiria, no seu nóculo mais essencial, qualquer traço da concepção teleológica do ser como encontrada em Hegel ou nas concepções de fundo religioso. Nesse sentido, ao invés de uma *philosophia perennis*, temos na ontologia lukácsiana uma autêntica *philosophia universalis*, na expressão mais abrangente do termo.

3º) Em terceiro lugar, a generalidade humana e a individualidade são, em Lukács, esferas distintas e igualmente reais do ser social.

Todavia, diferente do que ocorre na relação essência-fenômeno, tanto o gênero quanto as individualidades são portadores da continuidade social. Neste sentido, ao contrário do que sugere Tamás, a individualidade para Lukács não é um mero acidente que se contraporá à essencialidade do gênero humano. Não há, portanto, nenhuma hierarquia ontológica pela qual o gênero é mais portador de ser que o indivíduo: ambos são igualmente reais, distintos e articulados pelo complexo da reprodução social. Portanto, em Lukács, a objetivação, longe de «devorar» e dissolver as individualidades numa totalidade hipostasiada, é a esfera por excelência da afirmação da individualidade.

Ao ignorar solenemente a longa e rica argumentação lukácsiana a este respeito, ao deformar profundamente o núcleo da concepção de Lukács acerca da relação entre essência-fenômeno e gênero-individualidade, Tamás pôde converter Lukács no ideólogo da burocracia de tipo soviético: nisto estaria o verdadeiro significado de sua ontologia.

4º) Por último. e aqui apenas faremos menção a este problema, há uma ruptura decisiva entre HCC Per una Ontologia dell'Essere Sociale no que diz respeito à questão metodológica. Se em HCC podemos falar de um método dissociado do conteúdo, no *opus postumum* lukácsiano temos a incessante reafirmação da necessidade de um fundamento ontológico ao método. Como isso se dá é algo que, aqui, não podemos sequer indicar. Todavia, é imprescindível indicar que, também neste aspecto, não há indícios de continuidade entre HCC e Per una Ontologia dell'Essere Sociale.

Esperamos que os poucos argumentos e as rápidas referências aqui alinhavados permitam desautorizar a hipótese de Tamás. E que, também, problematizem as interpretações, como a de Heller ou de Berman tomadas como exemplos nesta comunicação, que tendem a ver na trajetória intelectual de Lukács um processo fundamentalmente marcado pelo desenvolvimento dos elementos messiânicos e teleológicos -- que

consideram «religiosos» -- de *História e Consciência de Classe*. Entre *História e Consciência de Classe* e *Per una Ontologia dell' Essere Sociale*, muito mais que continuidade, encontramos uma efetiva ruptura. E, desconsiderar este fato, via de regra, tem implicado na afirmação da importância menor da ontologia de Lukács para o debate contemporâneo.